

DON MIGUEL RUIZ

Um dos maiores líderes espirituais do mundo

- & -

BARBARA EMRYS



A

ARTE TOLTECA

DA

VIDA E DA MORTE

*A profunda viagem espiritual de um homem que,
às portas da morte, desvendou os segredos da vida.*

 nascente

Dedicatória



Dedico a presente obra com todo o meu amor e gratidão à jovem mulher que abandonou o seu ser físico em outubro de 2010 e me doou o seu coração. Graças à sua generosidade — e da família — pude viajar por cidades de todo o mundo, levando a minha mensagem de amor, sensibilização e alegria a muitas pessoas. Graças a ela, também pude escrever este livro com Barbara Emrys, cuja imaginação e arte deram a vida à história de Dom Miguel Ruiz nas páginas que se seguem.

Desejo expressar também a minha mais profunda gratidão a todo o pessoal hospitalar que me tem tratado desde o ataque cardíaco que sofri e que cuidou de mim durante o subsequente transplante de coração, continuando a fazê-lo até agora.

Dedico, igualmente, esta história extraordinária aos meus filhos, às minhas noras e à minha família em geral, que eu tanto amo. Este livro foi igualmente escrito para os meus leitores, cuja sensibilidade crescente ao longo dos últimos quinze anos me tem incitado a transmitir a minha mensagem de formas sempre novas e excitantes. Para mim, é evidente que o seu amor tem tornado este mundo um lugar melhor para se viver.

Prefácio



Esta obra apresenta os acontecimentos da minha vida. Ao contrário dos meus escritos anteriores, neste livro o poder da imaginação funde-se com os ensinamentos da sabedoria tolteca. Nas páginas que se seguirão, contarei a história de um sonho místico que tive há vários anos, durante as nove semanas que durou o coma medicamente induzido a que fui submetido na sequência do meu ataque cardíaco.

Diz-se que, no momento da nossa morte, as imagens de toda a nossa vida desfilam na nossa cabeça num ápice. Foi precisamente algo semelhante a isto que me aconteceu, enquanto o meu corpo lutava desesperadamente para se manter vivo e a minha mente se expandia até ao infinito.

Pode dizer-se que, durante aquelas longas semanas, sonhei com o meu legado. Um legado pessoal é a compilação de todas as experiências da nossa vida; a soma de todas as nossas ações e reações, das nossas emoções e sentimentos. É o que passamos aos que permanecem neste mundo quando abandonamos o nosso ser físico. Um legado é tudo o que somos; a totalidade do nosso ser. O nosso legado é determinado pelas memórias que os outros guardam de nós... e quanto mais autênticos formos, tanto mais brilhante será esse legado. Escrevi o presente livro para o deixar aos meus filhos, aos meus alunos e a todos aqueles cujo amor ajudou a trazer-me de volta à vida. Aos meus filhos, restante família, aos meus amigos e às

peças que gostam de mim, deixo as minhas memórias e o meu amor incondicional. A quem pretende aprender com o que deixo escrito, ofereço-lhes a experiência da minha vida. O meu amor perene pelo mundo é a minha dádiva a este maravilhoso planeta; a autenticidade dos meus sentimentos é o meu legado à humanidade.

Os nossos sonhos e os nossos períodos de vigília são obras de arte, e este livro é uma história, contada com arte, sobre as minhas interações com a minha mãe — dona Sarita —, uma curandeira bastante respeitada de San Diego, e minha mestra e guia durante grande parte da minha vida. Desde o momento do meu ataque de coração, que aconteceu a 28 de fevereiro de 2002, ela fez tudo o que pôde para impedir a minha morte física. Recorrendo a todo o poder da sua fé, reuniu os seus outros filhos e aprendizes para levar a cabo uma série de rituais para me salvar. Esforçou-se incansavelmente, dia e noite, para me devolver a saúde e a consciência. Estava determinada a que eu voltasse ao meu corpo e o voltasse a animar. Em muitas ocasiões, entrou em transe ou em profunda meditação para tentar entrar nos meus sonhos e me exigir que recusasse a morte.

As suas incursões no meu estado onírico constituem a base da presente obra. Neste livro, quando a minha mãe me confronta no sonho, mando-a falar com a personagem principal da minha história, que é o meu próprio conhecimento. Nesta fantasia, o meu conhecimento assume a forma de uma criatura misteriosa chamada Lala. Pode dizer-se que é a personificação de tudo aquilo em que acredito e de tudo o que dá forma à minha história, tal como o conhecimento do caro leitor também o ajuda a criar a história da sua vida.

São muitas as personagens maravilhosas que dão vida a esta história, e cada uma reflete-me e contribui para o meu bem-estar de uma forma singular. Apesar de alguns dos seus nomes e de algumas das suas interações comigo serem ficcionais, todas elas representam amigos, alunos e familiares reais. Algumas destas pessoas já partiram, outras ainda partilham as suas vidas e o seu riso

comigo, mas todas elas enriqueceram o meu mundo. O meu amor por cada uma delas é muito forte, e a gratidão que sinto pela importância que tiveram na minha vida não tem limites.

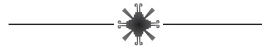
Talvez pareça que as nossas experiências — a sua, caro leitor, e a minha — são muito diferentes. A sua personagem principal é diferente da minha, e talvez as personagens secundárias da sua história não se pareçam com as pessoas da minha, mas apesar de, eventualmente, parecermos diferentes, o leitor também é um elemento essencial do sonho global da humanidade, tal como eu. O leitor tem procurado a verdade em símbolos, tal como eu, e, tal como eu, também é conhecimento tentando concretizar-se. É o seu próprio salvador e é também puro potencial em ação. Deus representa a verdade que o leitor é, e a verdade libertá-lo-á.

Permita que este livro o ajude a compreender estas coisas. Oiça, observe e atreva-se a mudar o seu próprio mundo, feito de pensamentos e de respostas automáticas. Deixe que os acontecimentos da minha vida o levem a um novo conhecimento do seu sonho e dos respetivos desafios atuais. Os bons alunos retiram o máximo proveito de toda a informação que obtêm e, como demonstra a minha história, a vida fornece-nos toda a informação de que necessitamos.

Com todo o meu amor e respeito,

— *Miguel Angel Ruiz*

Glossário



- **Alma:** a força vital que mantém um universo (matéria) inteiro (ex.: o universo do corpo humano). Todos os componentes se reconhecem como parte desse universo.
- **Amor:** aspeto da energia que se manifesta como o conjunto de todas as vibrações, movendo e registando informação na matéria. A matéria capta-o, reflete-o e reage com toda a panóplia de emoções.
- **Céu:** uma história que existe na nossa cabeça e que acaba bem.
- **Conhecimento:** consiste nos acordos entre os humanos sobre a natureza da realidade. É comunicado por meio de símbolos como palavras, números, frases ou fórmulas.
- **Deus:** poder supremo e eterno; a única coisa que realmente existe.
- **Deus/Deusa:** a divindade, no masculino ou no feminino.
- **Dom/Dona:** formas de tratamento respeitosas.
- **Energia:** o poder supremo e eterno; a única coisa que realmente existe.
- **Fé:** acreditar a cem por cento, sem qualquer hesitação.
- **História:** a explicação de um sonho.

- **Inferno:** uma história que existe na nossa cabeça e que acaba em drama.
- **Intencionalidade:** é a mensagem de energia que direciona a luz, criando e desintegrando matéria. A intencionalidade viaja no centro da luz, com *quanta* revolvendo-se à sua volta. A intencionalidade é a própria vida.
- **Luz:** é o mensageiro da vida e a sua primeira manifestação.
- **Magia:** é a face criativa da energia.
- **Mal:** resultado de acreditarmos em mentiras. As más ações são tão piores quanto maior for o grau da mentira e o nível de fanatismo.
- **Matéria:** trata-se da manifestação finita da vida, que é infinita.
- **Mente:** realidade virtual criada pelo reflexo (no cérebro) de tudo o que o cérebro capta.
- **Mentira:** distorção da verdade na mente humana.
- **Mitote:** é a conversa contínua dentro da nossa cabeça, que parece um tumulto de mil vozes a falarem em simultâneo sem que ninguém se entenda.
- **Morte:** matéria; a ausência de vida.
- **Nagual:** termo em língua nuaatlé referente à força que move a matéria.
- **Nagual** (homem/mulher): pessoa que se reconhece como a força que move a matéria; imortal.
- **Nuaatlé:** é a língua usada pelos antigos astecas.
- **O sonho planetário:** a realidade coletiva da espécie humana.
- **Poder:** o potencial para criar.

- **Sabedoria:** a capacidade de reagir acertadamente a cada evento; senso comum.
- **Sensibilidade:** a capacidade de ver as coisas tal como elas são.
- **Sonhador:** alguém que sabe que passa o tempo a sonhar.
- **Sonho:** o reflexo das nossas percepções que nos é apresentado pela nossa mente quando dormimos.
- **Teotihuacan (Teo):** antiga cidade do México que floresceu entre 200 a.C. e 500 d.C. Os seus templos e pirâmides descobertos situam-se cerca de cinquenta quilómetros a nordeste da Cidade do México.
- **Tolteca:** palavra em língua nauatle que significa «artista».
- **Tonal:** matéria.
- **Verdade:** aquilo que é real; sinónimo de Deus e de energia. A verdade já existia muito antes do surgimento da humanidade e continuará a existir muito depois do seu desaparecimento.
- **Vida:** é a força criativa de Deus — ou da energia — que se manifesta na matéria.
- **Xamã:** curandeiro(a) (em todas as culturas).

Personagens



Dom Miguel Ruiz: o protagonista desta história.

Mãe Sarita: mãe e mestra de Dom Miguel.

Lala: a sabedoria.

José Luis: pai de Dom Miguel e marido de Sarita.

Dom Leonardo: avô de Dom Miguel e pai de Sarita.

Dom Eziquio: bisavô de Dom Miguel e pai de Dom Leonardo.

Gandara: amigo de Dom Eziquio.

Memín: irmão de Dom Miguel.

Jaime: o irmão de Dom Miguel mais próximo da sua idade.

Maria: esposa de Dom Miguel e mãe dos seus filhos.

Dhara: aprendiz e amante de Dom Miguel.

Emma: aprendiz e amante de Dom Miguel.

Miguel Júnior (Mike, Miguelito): filho mais velho de Dom Miguel.

José: segundo filho de Dom Miguel.

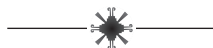
Leo: o filho mais novo de Dom Miguel.



A Arte Tolteca da Vida da Morte



Prólogo



Puxo os lençóis para cima, já enrolados aos meus tornozelos. Lanço a mão ao telefone, disco o número às cegas e alguém me responde do outro lado da linha. A mulher pergunta-me quem sou e onde estou. Parece-me pouco provável que consiga lembrar-me das respostas a estas duas perguntas antes de perder a fala para sempre. Tento sentar-me mas, em vez disso, rolo para fora dos lençóis e caio no chão. A dor diminui, graças a Deus, mas logo retorna em pontadas furiosas. Oíço a minha mãe chamar-me, gritar o meu nome. Também oíço vozes de estranhos e os gritos urgentes das sirenes, enquanto a minha consciência se desvanece entre ruídos confusos e oscilantes. O novo sonho, que se apresta a substituir o antigo, trará consigo despedidas sentidas, mas tudo o que consigo reconhecer neste momento é o som de mulheres soluçando.

São tantas a chorar. Choram pelo filho, pelo amante, o pai, o guia. Choram por mim, por elas e pelas promessas nunca feitas. Tal como acontece com todos os seres humanos, choram pela redenção de uma palavra. Choram pelo Amor, pelo anjo caído, quando, na verdade, lhes bastaria olhar, ouvir e sentir a sua força a pulsar como música dos seus corpos prodigiosos.

Hoje acordei antes do nascer do dia, por força do chamamento da Morte. Assim como fizeram os meus antepassados astecas, também eu a recebo com a gratidão de um guerreiro que combateu corajosamente e anseia pelo retorno a casa a salvo... e por um longo

e merecido descanso. Sinto o calor da aurora a aproximar-se, num horizonte distante, e a minha pele acolhe-o com deleite. Ao erguer o olhar, vejo a névoa dissolver-se em pontos brilhantes e sei que não tardarei a ver o caminho de volta a casa; o caminho que me permitirá sair desta noite escura. Os meus adversários chegaram e partiram, vencidos pelo amor. Combateram incansavelmente nos corredores da mente humana, esse campo de batalha extraordinário. Virão outros como eu, desejosos de erguer as suas espadas contra milhões de mentiras, mas o combate terminou para Miguel Ruiz.

Alguns momentos antes, eu dormia e sonhava, e tive uma visão de outro guerreiro — um jovem, de um tempo há muito passado, de pé entre os contrafortes de uma montanha sagrada, vigiando o seu adorado vale. Era banhado por uma luz de estrelas muito ténue, os olhos fixos no lago que contornava Tenochtitlan, como se protegesse a aldeia do seu povo, que era também o meu. No sonho, o grandioso vale surgia imerso na neblina. Lentamente, a claridade débil e hesitante da aurora foi rompendo, intermitente, enquanto a aldeia do jovem guerreiro ia despertando. O coração do jovem pulsava com a mesma força com que o meu bate agora. As suas narinas analisavam o ar, e a pele reagia às mudanças do vento com arrepios. Pondo cuidadosamente um joelho em terra, levantou o arco e manteve-o erguido. Os dedos da mão direita tocavam as penas de uma flecha abençoada pelo fumo de uma fogueira sagrada. Não dececionaria o seu povo quando o ataque se desse. Não dececionaria a família nem a memória dos antepassados do povo tolteca. Sobretudo não se dececionaria a si próprio.

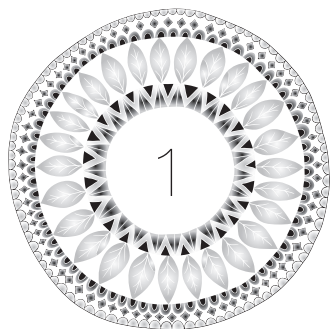
Aquela era a altura de maior perigo, o momento em que a manhã ainda não se vislumbra e o bem combatia o mal na semiobscuridade das primeiras horas da madrugada. O jovem pestanejou uma vez, depois outra, e fixou o braço. Enquanto sonhava com ele, pareceu-me sentir o cascalho remexer-se sob a sola de uma sandália e picar-lhe o joelho. Senti a neblina envolver os calcanhares do homem e apertar-lhe as coxas e os braços nus como uma mão gelada.

Senti-a a soprar-lhe na nuca e a roçar-lhe a testa pintada. Como um só, olhámos para o céu. Acima dele, o mundo espelhava o seu corpo perfeito num manto de estrelas estendido numa imensidão de mistério. Ao ver isto, o guerreiro sussurrou uma oração e abrandou a respiração. O corpo relaxou e a sua atenção voltou-se de novo para o vale, onde a neblina começara a dispersar-se, e as águas do seu lago ancestral surgiam, contornando montes como os dedos cobertos de joias de uma deusa. Estabilizou o arco. A pena de águia no seu cabelo dançava graciosamente ao sabor do vento que se ia levantando. Tinha as costas direitas e o abdómen relaxado. O bronzeado da sua pele escura brilhava, radiante, sob os primeiros raios de um sol, que começavam a despertar.

Agora, o seu povo ficar-lhe-ia grato. Imaginou alguns deles assoando às portas e sentindo a ameaça que se escondia atrás do nevoeiro. Olhou para aquela aldeia na margem do lago, como se pudesse ver o pai fitando-o no local onde se encontrava, ajoelhado em silêncio e sozinho. Era um soldado corajoso, respaldado pela força daquela montanha formidável. Sentiu o orgulho do pai e dos seus antepassados. Havia tanta coisa para sentir naquele momento vazio, entre o início e o fim das coisas... A claridade não tardaria a romper sobre a cadeia montanhosa oriental, e o destino erguer-se-ia, aos gritos, de trás dela. Havia vitórias no horizonte; revelações pairavam ao virar da presente incerteza. Sentindo o bafo dos seus antepassados na face e o seu toque frio nas costas, o guerreiro tornou a preparar-se, fincando uma sandália no cascalho e mirando para lá da ponta da seta. Estava preparado...

Com a pontada da dor a sacudir-me do meu sonho, vejo que é chegado o momento de me juntar aos antigos guerreiros. Tal como outrora persegui a verdade, agora é a eternidade que me persegue. O Sol já queima a cadeia montanhosa oriental, com o destino cavalcando no seu encalço. Sentindo o bafo dos meus antepassados na cara e o seu toque frio nas costas, aguardo a Morte com um sorriso acolhedor.

Também eu estou preparado.



A idosa murmurava para si mesma enquanto arrastava os pés pelo chão de terra seca e gretada. Os chinelos roçavam o solo, lançando nuvens sedosas de pó ao vento agitado. Levava um saco grande numa mão e mantinha o xaile enrolado em torno dos ombros com a outra. O ruído dos seus passos laboriosos era o único som que se ouvia; um som lento e arrastado, porém nunca hesitante. Caminhava. Sabia para aonde ia. Seguia os vestígios de algo que os seus olhos não podiam ver mas que era inconfundível: o instinto de uma mãe à procura do filho.

Havia já algumas semanas que sentia o medo pavoroso que atormenta qualquer mãe perante a possibilidade de perder um filho. Algures no mundo que acabava de deixar para trás, a vida do seu décimo terceiro filho esvaía-se — não da sua vista, pois sabia que ele jazia algures numa cama de hospital, mas dos seus sentidos. Já não conseguia sentir a corrente de vida do filho; falar-lhe sem palavras, como ambos faziam havia já quase cinquenta anos. À medida que a força da vida ia enfraquecendo nele, o mesmo acontecia com os laços que o ligavam ao mundo dos pensamentos e da matéria. A idosa sabia que o tempo urgia. O coração do filho tinha soçobrado, o corpo estava a morrer e os médicos preparavam-se para abandonar o combate. Que mais poderia ela fazer senão procurá-lo naquele lugar para onde ele tinha ido, onde o tempo não existe? Encontraria o seu filho mais novo, a alma da sua alma, e trá-lo-ia de volta.

Diante da sua figura frágil, estendia-se uma vastidão de areia, pedras e toda a espécie de coisas sem vida. Não havia cor, excetuando algumas nuvens de um azul carregado que se iam engrossando e juntando, em grandes enxames silenciosos, no céu acima da sua cabeça. Os relâmpagos rasgavam os céus infinitos, e ofuscavam-na repentina e momentaneamente... Mas era uma tempestade feita de sonhos; uma tempestade nascida de sentimentos e do atordoamento, e estas coisas não a fariam abrandar o ritmo da caminhada.

Sarita continuou a caminhar, o som da sua respiração ecoava no silêncio. A sua pulsação acelerou e o peito arfava, como se o esforço fosse real. E talvez fosse mesmo... Nunca antes se tinha aventurado em tal jornada. Inicialmente, não sabia o que esperar ou o preço que o seu corpo pagaria. Forçou-se a relaxar enquanto avançava. Não se renderia ao medo... É certo que já tinha muita idade, pois completara recentemente noventa e dois anos. Contudo ainda não se sentia preparada para abandonar o mundo da matéria e dos significados. Ainda não estava preparada e, por isso, *ele* também não estava. Não permitiria que o filho morresse enquanto ainda lhe restavam forças para lutar por ele. Inspirou rapidamente e permitiu que um sorriso varresse a tensão da sua face. Sim, ainda tinha forças. O seu amor venceria no espaço peculiar entre o ponto onde se encontrava e o filho. Com ânimo renovado, pousou o saco por momentos e endireitou os ombros, prendendo as pontas do xaile num nó lasso ao nível do pescoço. Envergava uma camisa de noite feita de algodão. Embora sem vento, o frio chegava-lhe facilmente à carne, arrepiando-a. «Paciência», pensou. Já não podia voltar atrás. Os sentidos podiam não reconhecer o filho, mas o coração não se enganaria. Varrendo novamente o horizonte com o olhar, pegou no saco pesado com a mão livre e retomou o caminho, arrastando os pés determinada.

Era um saco de compras de náilon, como os que levava para o mercado naquelas madrugadas frescas, em Guadalajara, pouco tempo antes do nascimento do seu filho mais jovem. Tinha,

estampado num dos lados, em cores vivas, o retrato da Virgem, e continha diversos objetos abençoados pelas suas próprias orações e pela sua intenção. Abanou ligeiramente o saco, como que para se reassegurar da sua missão, e recordou aqueles dias há tanto passados, pouco antes do nascimento do seu décimo terceiro filho, em que toda a vida parecia tranquilizadora. Fora um tempo agradável: contava, então, quarenta e três anos de idade, ainda era bonita e estava casada com um jovem atraente a quem já havia dado três filhos. Ele desposara-a mal terminara os estudos, apesar da idade dela e de ela já ter nove filhos de um casamento anterior. Casara-se com ela contra a vontade da família. No dizer de alguns, o casamento dera-se por bruxarias que ela lhe tinha feito. Bem, os cétricos nunca deixariam de existir. A verdade é que se casaram por amor, um amor puro e simples. E desse amor nasceram quatro crianças saudáveis.

A idosa abrandou o passo e deteve-se. A tempestade ainda se formava à sua volta, com os seus relâmpagos, mas o lúgubre silêncio rompeu-se. Agora, para além do som abafado da sua respiração, ouvia-se algo mais no ar. Em vez dos esperados trovões, bailava uma música vinda de longe, em crescendo, como o rugido de um vento forte. «Ele já devia estar perto», pensou Sarita. Deixou-se ficar onde estava, à escuta, até perceber claramente que o que ouvia era uma música específica erguendo-se do horizonte em direção ao céu em fúria. Reconheceu a música e situou-a num tempo há muito passado. Lembrava-se nitidamente de o filho cantar ao som de música como aquela quando era miúdo, com os dedos pequeninos movendo-se pelas cordas de uma guitarra imaginária enquanto proferia palavras incompreensíveis e abanava todo o corpo ao sabor daquela batida, tal como vira fazer aos irmãos mais velhos. Como é que ele chamava aquele som? Era o quê...? Ah, sim... «Isto é *rock-and-roll*, Mamá!», lembrou-se de o ouvir gritar. «É a música da vida!»

Sim, uma canção *rock-and-roll* continuava a tocar na cabeça dele. Era este o som que cavalgava os relâmpagos na negrura crescente do céu e lhe golpeava os cabelos brancos como um vento ciclónico,

apesar de tudo à sua volta se manter imóvel. Os seus sentidos não a tinham enganado. Sentia agora a mente do filho, e ouvia o seu coração imenso e eterno vibrar de alegria. Ela estava perto.

Pousando novamente o saco de compras, aconchegou o xaile de tecido ao corpo. Estava vestida para se deitar, envergando o que tinha no corpo quando todos chegaram a sua casa para se juntarem a ela no ritual. Num recanto distante da sua consciência, ouvia também as suas visitas — os outros filhos, os netos, os aprendizes e os amigos. Tinham-se juntado a ela a seu pedido, pelo motivo evidente de que nenhum dos seus filhos, netos, aprendizes ou assistentes alguma vez recusavam um pedido de Mãe Sarita. Tinham vindo resignados, e traziam consigo cabaças e tambores, velas e salva a arder. Tinham vindo para cantar, orar, rogar... Estavam ali para o trazerem de volta — o décimo terceiro filho de uma mulher que não podia ser ignorada. Tinham vindo pelo mesmo motivo que viriam também os antepassados: para fazerem o trabalho de guerreiros espirituais.

Naquela noite, em que tanto estava em jogo, Sarita fora transportada do círculo dos seus seguidores, formado na sua sala de estar, para um mundo que só existia na imaginação. Entrara na mente de outra pessoa. Estava disposta a pagar por isso em outra altura, mas, naquele momento, tinha de prosseguir. Por então, tinha de percorrer sem cerimónias, o sonho do seu filho, e trazê-lo de volta, nem que tivesse de o arrastar por uma orelha! Já o tinha feito muitas vezes antes!

Abanou a cabeça, ao recordar a criança que ele fora outrora. Vieram-lhe à memória aqueles olhos negros cheios de humor e malícia, e as mãos pequeninas que buscavam a sua face com amor quando ela se sentia cansada ou triste. Nada — nem mesmo a morte! — a afastaria do filho. Nenhuma lógica podia reverter a sua necessidade dele, nem a dele próprio. Nos seus noventa e dois anos de vida, Sarita passara pelas alegrias e tristezas de quem é mãe treze vezes. Antes do acontecimento presente, já tinha sobrevivido à morte de dois dos seus filhos. Também tinha perdido maridos, irmãs,

irmãos... mas ainda lhe restava vida suficiente para lutar por quem amava. Tornou a pegar no saco, sacudiu um pouco de pó etéreo da imagem da Virgem de Guadalupe e varreu a paisagem com o olhar. Cheirou o ar em busca de algum outro sinal, hesitou, depois virou-se. Algo despertara a sua atenção; algo ainda não visível. Mudaria de rumo. Tinha de seguir a sua intuição... e a música.

A música ia aumentando de volume a cada passo trabalhoso que dava. Parecia vibrar simultaneamente do chão e do céu, pulsando a um ritmo ensurdecedor. Talvez fosse o ritmo marcado pelos tambores na sua sala de estar. Agradeceu a Deus, em silêncio, pelos filhos obedientes que Ele lhe dera, e prosseguiu a caminhada, os pés movendo-se vagarosamente por entre uma nuvem grossa de pó iluminado. Para lá do horizonte próximo, via a Terra surgir acima da margem deste sonho vazio, refulgindo com uma luz viva. Prendeu a respiração. No céu cada vez mais escuro, prenunciador da tempestade e de um calor tremeluzente, viu a silhueta de alguma coisa recortada no brilho da Terra. Era uma árvore, ao longe! Os seus ramos pesados pareciam ondular com um prazer erótico, fazendo estremecer e brilhar a folhagem verde. Sarita ficou maravilhada com a visão de algo tão viçoso e fértil numa terra cheia de um vazio tão vasto.

Miguel... sussurrou. Em todos os sonhos onde havia cor e vida, lá estava o seu filho. Ele costumava dizer que a alegria o seguia para toda a parte. Pois bem, aquilo era alegria; era magia. Onde quer que ele estivesse, havia sempre festa, disso ela tinha a certeza. Caminhou na direção da árvore, com a música cada vez mais alta. Era possível que aquela caminhada tivesse demorado uma vida, um minuto ou nada. Sarita sabia apenas que o seu coração batia ao som de uma melodia viva enquanto caminhava. Teria caminhado bastante, independentemente do tempo que demorara, pois aquela árvore enorme espalhava-se agora diante dela, alta, larga e graciosa. Os ramos estendiam-se em todas as direções, como se chamassem o Universo a um abraço gigantesco e benevolente. Sarita hesitou perto de uma raiz que sobressaía do pó estelar, e olhou para cima,

observando atentamente o que parecia ser uma galáxia de frutos suspensos cintilando a uma luz espiritual. Ao observar aquilo maravilhada, o seu olhar acabou por encontrar quem ela tinha vindo buscar. Sentado no ramo mais baixo daquela árvore gigantesca, quase escondido entre as sombras dançantes e os milhares de folhas cintilantes, estava o seu filho.

Miguel Ruiz estava encostado ao tronco da árvore, envergando a sua bata de hospital, comendo tranquilamente uma maçã. Ao avistar a mãe, os seus olhos brilharam e fez-lhe um sinal entusiástico para que se aproximasse. A mãe aproximou-se da árvore, transpondo cautelosamente o enorme emaranhado de raízes, até chegar perto do ramo em que ele estava empoleirado. O ramo estendia-se baixo, paralelo ao chão, o que permitia que Sarita olhasse o filho nos olhos.

— Mãe! — exclamou ele, limpando sumo dos lábios com a cabeça do polegar. — Vieste ter comigo! Ainda bem!

Quando a mãe se preparava para falar, Miguel virou-se totalmente na direção do improvável horizonte.

— Vês o mesmo que eu, *Mamá?* — perguntou, apontando, entusiasmado, para a visão da Terra, com todas as suas cores exóticas.

Sarita vislumbrou o rabo nu do filho quando a parte de trás da bata de hospital se abriu. Sentiu-se tentada a dar-lhe uma tarefa ali mesmo, apesar de ele já ser adulto, mas Miguel exigia, ansiosamente, a sua atenção.

— Mãe, olha!

De onde se encontrava agora, conseguia ver o planeta a flutuar para lá dos ramos arqueados daquela árvore gigante. Brilhava, com uma luz clara, no céu noturno, girando lentamente no limite da fantasia em que ambos se encontravam.

— *La Tierra* — disse, suspirando. — O lugar a que ambos pertencemos. Está na altura de acabarmos com esta tolice!

— Consegues vê-las? — perguntou-lhe o filho, excitado. — Consegues ver todas aquelas luzes em movimento?

A idosa voltou a espreitar por entre os ramos, franzindo a testa. Aquela não era a Terra tal como se lembrava dela. À medida que o planeta girava lentamente, Sarita ia vendo luzes brilhantes a ondular e, depois, a levantarem-se e a desvanecerem-se no espaço. Em alguns pontos isolados, as luzes brilhavam com uma intensidade que as tornava rubras, noutros não. Mas atenção... não. Algumas circundavam todo o globo e, mesmo quando pequenas centelhas se erguiam e dissolviam, outras ondas de luz caíam sobre a terra como sonhos liquefeitos.

— Pois é, são sonhos! — exclamou o filho, como se lhe tivesse lido o pensamento. — São os sonhos de homens e mulheres que alteram o curso da humanidade. São sonhos pequenos, maiores e grandiosos, duradouros. São sonhos que têm um princípio e um fim, que vivem e morrem.

— Se morrem, para onde vão? — perguntou a mãe, admirada com as subidas e descidas das luzes, muito semelhantes às ondas sonoras ondulantes que via no aparelho estéreo do neto. — E onde começam?

— Começam na criação... e a ela voltam! — exclamou o filho, rindo enquanto voltava a trincar a maçã. — Estás a ver aquela ali, muito brilhante? — indicou, maravilhado. — Linda! É como o George, cuja mensagem ainda é recordada. Um sonho tão frágil... Consegues vê-la?

— O George... Ah, sim, era teu aluno. Era aquele muito baixo?

— Não, mãe, era um dos Beatles. E era muito mais alto do que eu!

Ah, sim... Agora lembrava-se. Os *Beatles*. O som que a conduzira àquele lugar era o som deles, da sua música. Só agora começava a recuperar daquele ruído que lhe pulsava na cabeça.

— Olha ali o meu sonho, mãe! — gritou Miguel. — Ali! Está a brilhar naquela zona ali! E repara só: os fios dele movem-se e estão a ficar cada vez mais brilhantes... por todo o lado! Ali! É amarelo dourado... não, vermelho dourado, ali... Espera!

Sarita deixou cair o saco e pôs-lhe a mão no ombro. Miguel virou-se para ela, a face ainda acesa de alegria.

— A tua mensagem está viva e cresce, sim — confirmou a mãe.
— Ali está ela. Conseguimos vê-la.

— Não é magnífica?!

Dizendo isto, parou de comer a maçã e atirou-a para o lado. O fruto desapareceu assim que lhe saiu da mão. Inclinou-se para observar mais de perto a visão da humanidade sonhando, mas as palavras da mãe, que lhe soaram austeras e desprovidas de alegria, distraíram-no.

— Precisamos do Miguel para mantermos este sonho vivo. Vais voltar para mim imediatamente — disse Sarita, no tom mais vigoroso que o filho já lhe ouvira. — Ainda não chegou a tua hora de partir.

— Mas eu já estou morto — respondeu-lhe o seu décimo terceiro filho, sorrindo.

— Não! Os médicos estão a tratar do teu corpo, e nós a rezar por ti. Os nossos antepassados estão a mover a Terra e o Céu por ti!

Miguel fez um trejeito com a cara, fingindo desespero, mas os seus olhos ainda brilhavam.

— *Madre*, por favor... não me venhas com isso dos antepassados.

— O teu coração já foi curado, *mi hijo*. Basta que respires e voltes para o pé de nós. Volta!

— Mãe, estás a falar de um coração que já não pode ser curado. Os meus pulmões falharam e todo o meu corpo está a entrar em colapso sem mim — explicou ele, olhando-a com ternura. — Eu também sou médico, lembras-te?

— E também és um cobarde! Volta imediatamente e termina o que começaste!

— Sabes bem que dei tudo o que podia...

— Será que deste *mesmo*?

— Oh, deixa-me falar-te do sonho que tive enquanto dormia, antes de chegar aqui!

— Miguel...!

— Eu era um dos guerreiros que guardavam Tenochtitlan e o lago sagrado. Eu era... bem, claro que não era, mas, de certa forma, não deixo de ser... esse guerreiro. Senti o medo e a gravidade do momento, a rendição total. Depois, pareceu-me que tudo se tornou luz de estrelas e espaço.

— Para, Miguel! O teu mundo é mais do que luz de estrelas e espaço. Tens um lar e pessoas que te adoram. Mais do que isso, tens-me a mim... és meu filho, e tens de voltar para mim!

— Tudo é luz de estrelas e espaço... este mundo, aquele, esta mãe e este filho...

— Não és luz de estrelas e espaço, és...

— Sou *precisamente* isso! Olha para mim! — exclamou ele, desaparecendo por entre as pequenas esferas que dançavam diante dos olhos da mãe.

Agora, Sarita via apenas estrelas e o espaço entre elas.

— Volta! — gritou.

— Impossível! — respondeu o filho, que ela via agora no interior da copa da árvore, oscilante, empoleirado noutro ramo, as pernas nuas balançando enquanto lhe acenava. — Fica comigo, *Mamá*.

O medo que a mãe sentia explodiu em fúria e, nesse momento, Miguel viu-a transformada. A idosa frágil que tinha ido ao seu encontro, embrulhada num xaile e a tiritar de frio, já não era idosa. Perante ele, estava agora uma mulher jovem e bastante atraente quase nua, apenas com o xaile cobrindo-lhe os ombros e os seios voluptuosos. A mulher olhou-o com o semblante carregado, o cabelo esvoaçando ao sabor do vento levantado pela sua fúria. Uma luz feroz brilhava sobre ela, lambendo-lhe o cabelo e a pele como fogo expelido das ventas de um dragão.

— És meu! — atirou, furiosa. — Como te atreves a partir?! Como te atreves?!

— Não te deixei, minha querida — respondeu ele, observando-a com um interesse profundo. — Mas o sonho do Miguel acabou. *Game over*.

— Não acabou! De todo! — gritou a jovem. — Podes fazer muito mais — e *farás* muito mais! — garantiu, virando os olhos furibundos novamente para o planeta e apontando as luzes brilhantes. — Vais deixar que o teu sonho se desvaneça aqui mesmo, diante dos teus olhos?

Miguel reconheceu aquela voz e respondeu com um sorriso.

— Nada podes fazer contra isso, minha querida mãe. A minha jornada é infinita, mas o meu pobre corpo não aguenta mais um passo.

— O teu corpo fará o que lhe ordenares. Sempre fez! Afasta-te deste lugar e volta para mim... para nós!

Ao longe, muito longe, Miguel ouvia a família — irmãos e filhos, com as suas esposas e os seus filhos — a entoar cânticos num círculo, apelando a que voltasse ao mundo físico. Sabia que o queriam ajudar e que estavam ali a pedido da sua mãe.

— Não posso — limitou-se a responder.

— És meu! — gritou-lhe novamente.

— Nunca fui.

Miguel olhou a adorada mãe nos olhos e viu-lhe a beleza, a tristeza e o valor. Ouvia os pedidos dela, mas apenas compreendia o grito desesperado daquela mulher, que tantos nomes já tinha recebido nas histórias humanas. Representava a própria humanidade, um milagre encurralado no seu próprio feitiço. Era ela quem tinha perdido a memória do Paraíso; ela é que tinha lançado uma sombra sobre a luz sublime. Ao olhar para aquela figura feminina, recordando tantas outras que tinham afirmado amá-lo, enquanto se enfureciam, o seu tom tornou-se mais suave e estendeu-lhe o braço.

— As tentações que despertas são fortes... mais fortes até do que a tua necessidade de mim.

O seu toque no braço nu dela acalmou o fogo nos olhos da jovem, e Miguel começou a ver a sua mãe outra vez, novamente idosa e tremendo de um frio inexistente. A mãe fitou-o com um olhar suave, suplicante.

— Não te preocupes, mãe — disse-lhe, num tom tranquilizador.
— Agora sou todas as coisas.

— E eu...? — perguntou Sarita, soando como uma criança a tremer na sua camisa de noite e olhando-o com os olhos arregalados e ensombrecidos pelo medo. — Não me abandones num mundo que não te inclui.

— O Miguel não pode voltar... Morreu.

— Por vezes, os antigos traziam os mortos à vida! — exclamou, com os olhos brilhantes. Depois, baixou o olhar, embaraçada.
— Vou pedir-lhes. Eles sabem fazer isso, *mi hijo* — murmurou.

— Não trariam o teu filho Miguel de volta mesmo que ele concordasse. Essa pessoa seria um sonho gasto, tentando sobreviver num corpo moribundo.

— Portanto... é possível fazê-lo! — exclamou a mãe.

O fogo tinha voltado aos seus olhos, e Miguel sentiu a tentação que ardia vigorosamente por trás deles.

— Mãe, não peças isso.

— Hei de ter-te de volta! — Hei de conseguir ou...

— Ou o quê? Morrerás? Morre agora! Voltemos ambos à origem!

— Não estou preparada para essa rendição covarde!

— *Madre*, não estás a ouvir-me...

— Então volta e faz com que eu te ouça! — gritou ela. — Volta e ensina-me o que não consigo aprender.

Miguel suspirou. A mãe tentava vergá-lo com as palavras, como sempre fizera. Nunca fora fácil derrotá-la numa discussão. Sarita tinha sido a sua professora, a sua mestra paciente e, naquele momento, era-lhe difícil não reagir como um aprendiz. Encostou-se pesadamente ao tronco, tornando a concentrar-se no globo grandioso e resplandecente que flutuava acima da linha do horizonte, acolhendo alguns sonhos e abandonando outros.

— O teu sonho já está a desvanecer-se — prosseguiu Sarita, seguindo o olhar do filho. — É uma desgraça... os teus filhos ainda

não são suficientemente fortes sem ti e os teus alunos são fracos e egoístas.

— Não importa, mãe. Agora, são mais felizes do que costumavam ser. O mundo é mais feliz — respondeu ele, virando-se para a mãe com uma expressão de contentamento.

— Quem é que te teve?! — atirou ela. — Quem te ensinou, te treinou, te preparou para seduzires a própria Mãe Terra?!

— Tu, *Mamá* — respondeu ele, baixinho.

Sabia o que o esperava. Seria difícil dizer-lhe que não, tal como sempre fora difícil dizer que não às pessoas como ela. E a mãe contava com isso.

— Obedece à tua mãe. Não temos muito tempo, e eu não voltarei sem ti.

— E eu peço-te para te juntares a mim, mãe. Não te resta mais nada para além do sofrimento físico, e eu poupar-te-ia a isso.

— Não faças de mim vítima!

Miguel olhou-a com um ar pensativo.

A mãe não era uma vítima, mas uma mulher que detestava os sinais da idade e que não encararia o fim sozinha, se o pudesse evitar. Havia cinquenta anos que colaboravam um com o outro, como duas crianças inventando jogos — jogos que, neste caso, alteravam os sonhos da humanidade. Na sua ausência, não haveria mais ninguém como ela no mundo... Mas compreenderia a mãe o preço que o corpo dele teria de pagar para voltar? Imaginaria ela a magnitude da dor física que ele sentiria? Algo mexeu com ele, e Miguel sentiu a força do seu amor começar a alterar o rumo do sonho. Olhou a mãe nos olhos e falou-lhe, escolhendo as palavras com cuidado.

— *Madre*, para viver, este corpo precisará da minha presença, mas também necessitará de um pouco da velha estrutura.

— Fui eu quem te ensinou a *forma* humana, não fui?

— Já não existe forma; nenhum sistema de crenças.

— Essas coisas podem ser recuperadas!

— Quem foi o Miguel, mãe? Como pode ele ser recuperado se não existe resposta para esta pergunta? As únicas pistas são memórias, e as memórias atraíam-nos, e as mentiras mudam a cada vez que são ditas. As memórias indicam-nos a direção, mas nunca nos levam infalivelmente à verdade.

— Farão com que *voltes para mim!*

Miguel olhou para a mãe, uma visão de humor inconstante e de frases gravadas na memória. Parecia-lhe real, quente e tão docemente desprentensiosa, com a sua camisa de noite e os chinelos, que se sentiu tentado a desviar a conversa para banalidades do quotidiano. Desejou voltar a provocá-la, fazê-la rir como antigamente. Queria ouvi-la chamá-lo para o pequeno-almoço ou a falar descontraidamente de pessoas que ele não conhecia; senti-la tocar-lhe na testa, no coração, ao dar-lhe a usual bênção matinal. Mas aquele não era um encontro normal. A mãe tinha-o encontrado algures entre a vida e a morte. Encontrara-o porque a vida lhe tinha aberto o caminho... e, naquele momento, em vez de seguir aquele sonho frágil, tentava dominá-lo.

O que poderia ele oferecer-lhe que a consolasse da perda de um filho? Como poderia acalmar-lhe os receios, como fizera outrora? A mãe contrariava-o, e não parecia ter a menor intenção de deixar de o fazer. Parecia disposta ao combate, apesar de ser uma idosa de camisa de noite e chinelos que mal se conseguia ter de pé diante dele. Apesar de frágil, seria a guerreira do sonho terreno do filho até já não haver mais guerras para travar. Miguel não sabia o que é que a mãe esperava ganhar com aquela atitude, mas via-a totalmente determinada.

— Vejo que trazes um saco de compras — observou, sorrindo.
— É para me pores lá dentro?

— Bem podia ser!

— Mas parece já estar cheio...

— Olha aqui — disse ela, ainda rouca de toda a conversa com o filho. Ele notou o entusiasmo renovado da mãe e deixou-a falar.

— Trouxe os utensílios que costumávamos usar! Talvez possamos fazer o ritual juntos... como antigamente. Prepara-te, *mi hijo*. Purifica-te e chama as forças da vida para o que temos de fazer.

Miguel não se mexeu. Limitou-se a observar a mãe pacientemente, enquanto ela se curvava sobre o seu saco de tesouros, com uma mão no joelho e um brilho de curiosidade nos olhos. Fora xamã outrora, por isso sabia o que aí vinha. O tempo para truques era já passado, mas como poderia ele dizê-lo à mãe? O sonho terminara para ele, que era o protagonista da sua história, mas a mãe não o ouviria. Insistiria em que o filho voltasse para ela, apesar de ele ser agora a mais ténue réplica da verdade, com a vida presa por um fio.

Sarita começou a retirar os objetos do seu saco de compras, com um orgulho e um entusiasmo renovados. Seria possível que ela e o seu companheiro daquelas andanças, em outros tempos, inventassem um novo jogo? Poderia a sorte sorrir-lhe de novo? Sentiu a proximidade dos seus antepassados e sorriu. Retirou um pequeno tambor do saco pesado e pousou-o no chão, colocando sobre ele, cuidadosamente, uma baqueta envolta em fita cerimonial vermelha. Em seguida, despejou uma coleção de pedras astecas de uma bolsa minúscula e alinhou-as na perfeição sobre a pele do tambor, acrescentando ao conjunto uma imponente pena de águia. Feito isto, empilhou três cabaças junto à base do tambor, juntamente com um pote que continha carvão de lenha e incenso. Satisfeita com a preparação de todo o material necessário para o que estava para vir, meteu a mão no saco em busca dos seus preciosos ícones e colocou-os, um a um, sobre o tronco da árvore.

— Bem, vamos começar com o Sol da Virgem, claro! — exclamou, equilibrando uma pequena estatueta de Jesus no ramo.

Era uma estatueta de gesso, delicadamente esculpida, e representava o Salvador a segurar um cordeiro. Em seguida, retirou do saco a figura da Virgem Maria, de braços abertos, em posição de ascensão.

— Cá está! Mãe e filho reunidos... — disse, satisfeita, antes de murmurar uma prece.

Miguel observou-a em silêncio até ela terminar a oração e hesitar, aparentemente sem saber o que fazer a seguir. Comprimindo os lábios, voltou a inclinar-se sobre o saco. Remexeu o conteúdo durante alguns segundos e tornou a endireitar-se, segurando uma pesada estátua de Buda, em bronze, com as duas mãos, e olhou para o filho, como se esperasse alguma pergunta.

— Porque não? — indagou. — Será tão orgulhoso que se recuse a vir ajudar um colega professor?

— Não é orgulhoso, embora tenha bons motivos para isso — respondeu Miguel calmamente, acenando com a cabeça na direção das luzes que tremeluziam acima dele. — A sua mensagem ainda move o sonho da humanidade.

— Precisamente! — exclamou a idosa, erguendo a estátua para a pousar na árvore, sobre a junção de dois ramos.

Fechou os olhos e murmurou mais uma oração, provavelmente ao próprio *bodhisattva* supremo. No fim da oração, soltou mais um suspiro de satisfação e voltou a remexer o saco. Desta feita, encontrou uma estatueta mais delicada, embrulhada num pano de seda. Era uma deusa chinesa, maravilhosamente esculpida em jade claro. Contemplou-a por alguns segundos e colocou-a ao lado da Virgem.

— Uma mãe ouve sempre o choro dos seus filhos. Ela há de responder-me. — Olhou para as duas estatuetas, graciosamente banhadas pela luz do mundo dos vivos, e sorriu. — Sim, uma mãe responde sempre.

A seguir, foi a vez de mais uma estátua de bronze, uma versão elaborada da deusa da guerra Kali. Miguel perguntou-se quantas casas teria a mãe assaltado para encher aquele saco de fetiches. Era pouco provável que ela soubesse os nomes daquelas deusas e, sobretudo, o seu significado.

— O que achas? — perguntou Sarita. — Parece uma guerreira, mas não quero que pense que o nosso objetivo é a morte.

— Como podes ver, há coisas maiores do que a morte a combater.

Sarita olhou para o filho como quem procura compreender o que ele acabara de dizer. Ele olhou-a nos olhos, e ela sentiu mais confusão do que conforto. Desviando rapidamente o olhar, pegou nas bordas do saco e sacudiu-o. Ainda havia alguma coisa no fundo... Pegou no objeto e retirou-o do saco com um suspiro e um encolher de ombros. Era o boneco de plástico do Popeye com que o filho brincava em criança, com o cachimbo na boca e os bíceps contraídos. Encontrara o boneco na gaveta da cómoda do filho.

— Agora sim, estamos a entender-nos melhor! — exclamou o filho, rindo. — Sou o que sou!

Sarita riu com gosto. O significado daquele objeto tolo escapava-lhe, mas acertara ao imaginar que aquilo agradaria ao filho. Recolheu as mãos envelhecidas e endireitou, nervosa, a camisa de noite de algodão. Faltaria alguma coisa? Apalpou a camisa, em busca de um bolso, e retirou dele um colar. Era uma corrente de prata com a Estrela de David como pendente. Pendurou aquele objeto num ramo folhudo e fê-lo rodar. Em seguida, retirou o crucifixo de ouro do pescoço e pendurou-o no mesmo ramo. Os dois amuletos rodavam e refulgiam sob aquela luz surreal, refletindo ínfimas centelhas cor de fogo na direção dos ramos mais altos da árvore.

— Deuses antigos, deuses novos... Não são todos a mesma coisa? — murmurou.

— E porque havemos de nos preocupar com deuses? — perguntou-lhe o filho. — Para quê invocar os anjos e os antepassados? Para quê chamá-los para uma conversa entre mãe e filho?

— Porque precisamos de ajuda.

— Precisas de fé... mas não neles.

— Então... em quê?

— Será possível que estejas mesmo a perguntar-me isso?!

— Tenho muita fé em ti, meu cordeirinho.

— Não tens de ter fé em mim, mas *em ti*! O que interessa é o que te trouxe aqui; o que te guiou até a mim. A fé é a própria vida, que se manifesta através da matéria e nos move a ambos.

— Mas tu não te estás a mover...

— Ai não? Não fui já movido? — retorquiu Miguel, olhando para a mãe com um ar resignado, a cabeça a abanar.

Que mais poderia dizer-lhe?

— *Mi hijo* — disse a mãe, num tom suave mas claro —, farei com que voltes para mim, nem que morra a tentar.

«Pois, isso já eu percebi», pensou ele. Porém, naquele momento ela estava viva. A vida ainda a movia, revigorando um corpo idoso dotado de uma vontade inconfundível. Se a mãe queria devolver-lhe a vida, essa determinação teria de se tornar ainda mais forte, pois ele estava já fora do seu alcance emocional. Precisaria de uma fé absoluta, que só poderia provir de uma consciência que, naquele momento, lhe escapava. Sim, até a Mãe Sarita, sábia e curandeira, tinha coisas para aprender... e uma jornada por diante; uma jornada há muito adiada.

— Não morrerás hoje, mãe... — acabou por dizer. — E, pelos vistos, eu também não.

Tinha de aproveitar aquela oportunidade para se ocupar dela. A mãe sempre se mostrara pronta a lutar por ele; sempre defendera o seu direito a ser quem era e a alcançar o que queria. Desta vez, defendia o seu direito de viver. Ao ver a luz voltar à face da mãe — a face que, ao longo dos anos, lhe mostrara mil expressões de amor e orgulho —, a sua imaginação despertou. Daria a Sarita uma missão, já que ela sentia que precisava de uma, e ao guerreiro uma última batalha a travar. Enquanto ainda o podia fazer, lançá-la-ia numa jornada muito mais importante do que o objetivo que a mãe pretendia alcançar.

— Dizes que farás o que for preciso? — perguntou-lhe.

— Sim!

— Mesmo que isso signifique seguires instruções?

Sarita sentiu o coração bater mais depressa.

— Meu anjo, neste estranho mundo és tu o mestre — respondeu ela. — Seguirei as tuas instruções de boa vontade.

«OK, agora quem está a provocar quem?», pensou Miguel, irónico. Até um moribundo tinha de rir. E ele estava realmente a morrer... O processo já se tinha iniciado. Via que a mãe tinha chegado até ele como uma força vibrante da vida, e num sonho feito de memórias e desejos desvanecendo-se, só a vida poderia travar aquele processo.

— Não sob as minhas orientações, *madre* — respondeu ele, com um sorriso transbordante de amor. — Neste meu estranho mundo, o resultado final é totalmente indiferente. Nos mundos dos outros, o resultado é tudo — disse, olhando para um ponto distante, atrás da mãe.

— O que queres dizer... — começou Sarita. — Dos outros...? — O olhar de Sarita seguiu o do filho até um ponto longínquo, no horizonte. — O que é aquilo? — perguntou. — Outra árvore?

Longe do lugar refulgente em que se encontravam, num outro monte, situado numa paisagem semelhante, via-se a sombra de uma árvore enorme. Sarita só então reparou nela. Era perfeitamente igual à árvore que tinha ao pé de si, em que o filho estava empoleirado, com os seus ramos majestosos. Era...

— Uma cópia — disse-lhe o filho.

— E quem é que lá está? Uma cópia do meu filho?

— É um impostor de outro tipo. O que vive naquela árvore conhece a ciência da ilusão. Fala com ele, mãe.

Sarita olhou para a árvore longínqua, do outro lado, numa vastidão estéril. Estava mergulhada na sombra, mas as suas cores eram vivas como a da árvore ao pé de si. Porém, ali nada se movia. As folhas não ondulavam e nada brilhava. As sombras não brincavam com tremulantes raios de luz. E não parecia existir qualquer coisa viva entre aqueles ramos. Estava como que hipnotizada, e foi necessária força de vontade para desviar o olhar e concentrar a sua atenção novamente no filho ali, naquela Árvore da Vida, com a sua figura recortada, sentada num dos ramos, sobre as cores brilhantes da Terra.

— O que busco não é mais ilusão; é o meu filho Miguel.

— A tua jornada começa ali, mãe — disse Miguel, lançando mais um relance à árvore distante.

Tudo o que se via era ilusão, reflexos, e a mãe teria agora a oportunidade de fazer as suas escolhas com base no conhecimento desta realidade.

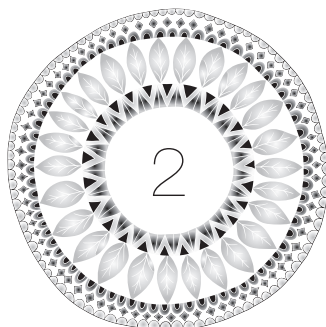
— Se queres saber como levar o teu filho de volta à vida, ali tens a tua primeira instrução. Como sempre, não acredites em nada do que ouves, mas escuta com atenção.

Colheu mais uma maçã do ramo acima da sua cabeça e começou a limpá-la à batinha da bata de hospital. Depois, mordeu-a com vontade e, ao começar a mastigar, com o doce sumo escorrendo-lhe pelo queixo, ergueu o olhar ao céu negro e sorriu, maravilhado, perante a visão de um planeta ardendo de sonhos. Não tinha dúvidas de que a mãe também viria a tornar-se uma iniciada naquele mundo, disso não duvidava. A sua consciência aumentaria a cada desafio. Usaria a sua sabedoria considerável e consultaria os antepassados, como sempre tinha feito. Conversaria com aquele que domina o mundo dos reflexos — um mundo que Miguel tinha deixado muito para trás — e esqueceria a dor resultante do medo insuportável que sentem todas as mães, pelo menos durante algum tempo. Piscou-lhe o olho bem-disposto e preparou-se para seguir a vida, onde quer que ela o levasse.

Sarita devolveu-lhe o sorriso, agora confiante, sentindo que a sua determinação movia o tempo e as circunstâncias. Independentemente do que acontecesse, tinha de permanecer no sonho do filho, pois ali poderia convencê-lo; ali, ele sentiria a força da determinação dela. Na sua cabeça, tinha argumentado bem e, por então, o filho parecia ceder um pouco. Miguel apontava-lhe agora o caminho para uma solução, apesar de esta lhe parecer incerta. Mas isto, por si só, já representava um avanço. É claro que lhe faria a vontade, e tentaria fazer as coisas à maneira dele... até a maneira dele se tornar a dela.

Fixou o olhar no horizonte. Ninguém mais poderia enfrentar o que se avizinhava senão ela, por mais horas que a família dedicasse à oração e à música. Virou as costas ao filho sem mais uma palavra e, pegando no saco vazio, pôs-se novamente a caminho, desta vez em direção ao que quer que se escondesse na sombra da grande árvore longínqua.

O vento não soprava. Naquela paisagem imóvel, coberta por um céu que ameaçava tempestades, não se ouvia nenhum som, nenhum ruído. Perguntou-se por que motivo já não ouvia a música *roll-and-rock* que parecia soar incessantemente na cabeça do filho. *Roll-and-rock...?* Seria *rock-and-roll...?* Enfim, já não ouvia aquela música. Balançava ligeiramente o saco de náilon, num gesto de desafio perante a incerteza. Não tardaria a chegar ao fim daquela estranha viagem, e então teria o filho de volta, vivo e nos seus braços.



Com a minha mãe a caminho, posso voltar a descansar, a sentir a luz infinita e a ouvir música. Oiço as canções da minha juventude mesmo aqui, neste momento, apesar de envoltas na névoa deste sonho. Oiço-lhes a batida, que exige a minha total atenção. Oiço-lhes a letra, as mensagens que descrevem simultaneamente a dor e o remédio para a atenuar. Oiço a verdade correr por cima da melodia e algures entre as palavras, sempre discreta mas sempre presente. Pertenço à música e à vida que lhe enche as batidas.

A minha jornada pela existência foi longa; uma jornada que se iniciou em algum momento antes de eu conseguir apreciar música — na verdade, começou antes mesmo de a audição me ligar ao mundo físico — e antes até de eu me aperceber das batalhas dos homens e das mulheres. Começou antes de eu conhecer o que quer que fosse do mundo da matéria. É possível que as minhas memórias atuais tenham começado no nascimento do meu corpo, com as minhas primeiras tentativas para respirar, e com o som dos gritos de angústia da minha mãe. Nesse momento, iniciou-se a viagem cheia de peripécias desde a infância até à idade adulta, e dos meus tempos de estudante a mestre. Passei do potencial puro à excitação da existência física, terminando no fim do meu corpo, já cansado da viagem. Passei de noites de amor sem fim a esta noite tranquila, com a morte sussurrando dentro de mim e à minha volta. Vivi uma

vida boa; uma vida passada a dar e receber amor incondicional e para lá de toda a justificação.

Na verdade, o amor não carece de justificação; simplesmente é aquilo que somos. Os homens e as mulheres raramente se permitem sentir a força deste sentimento. Conhecem o amor apenas como um «símbolo caído» — um símbolo que devia representar a vida mas que se corrompeu pelas muitas distorções que sofreu a sua definição. Com a corrupção desta palavra, todos os símbolos mergulham na confusão. E os símbolos tornam-se crenças, e as crenças acabam por ser tiranas que exigem o sofrimento humano. Tudo isto começou com a queda da primeira palavra, a palavra «amor».

Evidentemente, tive muitos amores na vida. Havia sempre mulheres desejosas de serem tocadas, famintas de amar e serem amadas. Nunca faltaram mulheres procurando ver a verdade sobre si próprias refletida nos meus olhos. Amei-as a todas, ao longo da minha vida. As suas caras diferiam, tal como os nomes, mas, para mim, só existia uma — a caída, apanhada por uma rede de distorções e em busca de um caminho que a levasse de volta à verdade. Neste preciso momento, procura um caminho de volta para o Paraíso, acreditando, porém, nas mentiras que a mantêm no Inferno.

É evidente que «ela» é «todos nós»; é Conhecimento, e, agora, posso dizer, sem vergonha, que houve um tempo em que «ela» era o Miguel. Desde o início que tive um bom relacionamento com o conhecimento. Sempre senti, desde o meu primeiro alento, muita vontade de aprender o significado dos sons, dos símbolos e das linhas escritas no papel. Tal como qualquer criança saudável, observava e ouvia tudo. Sentia de formas que os adultos à minha volta já haviam esquecido. As sensações invadiam-me dia e noite, mas, claramente, as sensações careciam de alguém que testemunhasse as suas maravilhas. De acordo com o que eu observava no mundo dos adultos que me rodeavam, as sensações precisavam de um contador de histórias.

Quando senti a excitação da primeira palavra que consegui balbuciar e a vibração de constatar que gerara uma vaga de felicidade que invadiu os meus pais e os nossos amigos, fiquei viciado. Quão depressa me tornei um adepto fervoroso das palavras! Com que rapidez comecei a usá-las para criar uma caricatura de um rapazinho! Também foi espantosa a forma como as palavras se tornaram a expressão da dádiva infinita que é o pensamento. Em pouco tempo, tornei-me exatamente como os contadores de histórias que povoavam o meu mundo de rapazinho. Depressa comecei a formar opiniões e a expressar suposições, e a recompensa por estes meus esforços foi a formação de uma identidade incontestável. Eu conhecia-me bem, e todos quantos me rodeavam também — pelo menos era o que eu pensava.

Eu adorava as palavras e os universos que elas criavam para mim; adorava o poder que me concediam de convencer outras mentes e alterar pontos de vista. Adorava o facto de as palavras me facilitarem os romances com as raparigas e tornarem-me fácil convencer rapazes sedentos de conhecimento como eu. Também adorava a vantagem que as palavras me concediam na escola e na universidade, tanto com colegas como com professores e, por fim, catedráticos. Sempre fui um estudante aplicado. Memorizava a matéria rapidamente e facilmente a recordava. Sempre fui mentalmente ágil, pelo menos até ingressar na faculdade de medicina. Ao que me parecia, ali eu não tinha qualquer vantagem. Por mais que estudasse ou memorizasse a matéria, conseguia sempre notas apenas tangencialmente positivas nas frequências. As minhas notas eram fracas, adquirir mau génio e a minha autoconfiança despenhou-se. Eu queria muito seguir as pegadas dos meus irmãos, mas no final do primeiro semestre na faculdade as minhas perspectivas de uma carreira médica não eram nada boas. E as coisas pioraram tanto que o meu professor de Fisiologia abordou-me em privado para me perguntar porque é que as minhas notas não refletiam a inteligência e o entusiasmo que eu demonstrava nas aulas. Não consegui responder-lhe cabalmente. Disse-lhe que tentava afincadamente e punha todo

o meu empenho na memorização da matéria. Foi então que ele me interrompeu. «Não decore», disse-me; «usa a tua imaginação».

Talvez aquela tenha sido a primeira vez em que ouvi as palavras serem usadas daquela forma — para incitar, em vez de convencer. Aquele professor estava a incitar-me a afastar-me da forma para sonhar a minha vida. Com o que me disse, pretendeu autorizar-me a *experienciar a verdade*, em vez de me limitar a *observar os factos*. Na sequência disto, as minhas notas melhoraram drasticamente. Mas, mais importante ainda, passei a ver o mundo com outros olhos. Este foi o primeiro de muitos passos que me afastaram do conhecimento, da voz persuasiva que eu ouvia na minha cabeça. Foi um pequeno passo, evidentemente, pois eu sentia-me muito ligado às leis do conhecimento e, naquela idade, achava-me o seu maior defensor. Estava convencido de que o conhecimento podia curar todas as doenças e resolver todos os problemas. O conhecimento definia-me como pessoa. Eu *era* o conhecimento, em toda a sua juventude e incansável agressividade. Eu não poderia existir sem o meu «eu», que nascera de palavras e ideias. Pelo menos era o que eu achava.

Sinto-me tranquilo, vendo a minha mãe caminhar para o seu destino, no horizonte. Observando a árvore distante, do meu presente refúgio entre os ramos da Árvore da Vida, apenas sinto amor. Aquela árvore igual à minha é o símbolo do conhecimento — apenas isso —, e os símbolos não têm qualquer influência em mim. *Agora* não têm, mas houve um tempo, durante a minha existência física em que eu teria dado tudo para me libertar do domínio do conhecimento. Talvez eu pudesse chamar *poder* a este domínio, mas o conhecimento representa um falso poder, nascido naqueles momentos excitantes da infância em que a linguagem é vista como o único caminho para o Paraíso. A partir desse primeiro momento de sedução, parece-nos existir apenas um caminho para diante. Claro que isto é simplesmente o destino da humanidade. Da luz infinita somos trazidos à existência física, atirados para a escuridão da perplexidade e desafiados a encontrarmos o caminho de volta. Nada

nos indica que devemos adaptar-nos à frequência da luz que nos trouxe aqui — mas seria isto algo assim tão impossível? Trazer a luz para a obscuridade causada pelas palavras é uma escolha que se faz com determinação, a via do explorador.

O meu professor pediu-me que sonhasse o mundo de um ponto de vista académico, mas depressa descobri que sonhar é tudo o que fazemos. Imaginamos, depois tornamo-nos o que imaginámos. Os artistas do sonho — qualquer que seja o sonho —, são artistas da vida. Sonhar significa construir a realidade por todos os meios disponíveis. Um cão tem sonhos de cão. Uma árvore, sonha-se de formas que só ela conhece. Conhece o seu corpo — cada folha, cada partícula que a tornam um universo em si. Conhece o poder rejuvenescedor da luz solar, da chuva e do solo que a alimenta. Concebe-se em relação com toda a vida, e muda consoante a luz, tal como acontece com o corpo humano. Por outro lado, o sonho humano adapta-se ao conhecimento em mutação. Ao converter a luz em linguagem, o cérebro humano aprende a sonhar através das palavras. Os dons que nos foram concedidos ultrapassam a nossa própria compreensão. As palavras que usamos descrevem a nossa realidade. Estamos sempre a sonhar, a redefinir realidades. Durante o sono, as palavras são apenas ténues ecos de um sonho acordado, mas, ainda assim, o sonho prossegue. Tal como acontece com todas as criaturas, passamos o tempo a sonhar. Sonhamos a noção do que somos em relação a tudo o resto e, quando outras mentes concordam connosco, atrevemo-nos a chamar ao nosso sonho *a verdade*. Dependendo da forma como usamos o conhecimento, podemos ser vítimas ou senhores responsáveis do nosso sonho particular.

Assim como me entreguei ao conhecimento, há muitos anos, também chegou uma altura em que tive de recusar a sua autoridade. Naquela altura, já não tinha uma família que me pudesse apoiar, e não havia ninguém que me ensinasse a fazer o que tinha de fazer. Estava sozinho, apenas com a sabedoria ancestral para me reconfortar. Estava sozinho, tal como a minha mãe está agora. A sua jornada

para me encontrar começará, de facto, no mundo representado por aquela árvore. Qualquer pessoa pode juntar os pedaços de um sonho antigo, construído com base em conhecimento ancestral, mas é necessário sermos mestres do sonho para selecionarmos a matéria-prima com que construiremos um sonho novo e inspirador. Este será o desafio que ela terá de enfrentar. Pode falhar ou sair vitoriosa mas, seja como for, o Miguel não voltará, pois está em casa, aqui, nos braços da eternidade.

No seu sonho adulto, Miguel tornou-se consciente da verdade sobre si próprio, e, milímetro a milímetro, foi-se afastando das tentações do conhecimento. Aos poucos, acabou por libertar o coração de todo o peso, esvaziando-o de mil mentiras. Então, as suas frequências internas alteraram-se, intensificando-se até a matéria já não poder mais contê-lo. Reanima o corpo, mãe, já que tanto o desejavas; reúne as memórias, ata-as com a fé e deixa a medicina fazer o resto. Com os olhos arregalados de excitação, contempla o conhecimento como se o visses pela primeira vez. Aprende à medida que te fores aproximando do objetivo. Sê o meu coração nesta busca e torna-te mais leve a cada passo. Faz o que tens de fazer, tenta o que tiveres de tentar... mas o Miguel não voltará.



A Mãe Sarita encontrava-se junto à base da segunda árvore, e sentia o coração a bater violentamente dentro do peito enquanto arquejava, ofegante. Tivera a impressão de que a árvore estava muito próxima, porém a caminhada parecera-lhe interminável. Olhando para trás, conseguia ver, recortada no horizonte, a sombra da árvore em que estava o filho. Aquela árvore estava num local iluminado, esta não. Como era uma mulher sábia, sabia bem o que era a escuridão. Não havia ali nada maléfico, apenas a ausência de alguma coisa. Não, a ausência não: a escassez. A luz estava em todo o lado, existia em todas as coisas, mas não chegava completamente àquele local. O brilho etéreo que inundava a paisagem circundante

encontrava resistência ali. O que lhe dissera o filho? Ah, sim, dissera-lhe que teria de confiar num embusteiro. Sarita não tinha uma opinião formada sobre os embusteiros, mas tinha uma missão a cumprir, e aceitaria qualquer ajuda, vinda sob qualquer forma.

Inspirou fundo, com dificuldade, e sentiu as batidas do coração a abrandarem. Tinha esvaziado o saco antes daquela caminhada, mas não deixava de sentir o cansaço físico. Era estranho que aquela ilusão se revelasse tão pesada para os seus sentidos físicos. Tinha a certeza de que, na sala de jantar de sua casa, o seu coração batia exatamente da mesma forma. Era possível que os filhos receassem por ela e que aquele estado de transe estivesse a assustar os seus netos, mas, naquele momento, não podia interrompê-lo. Tinha de prosseguir. Tornou a respirar fundo e tentou relaxar os músculos da cara, na esperança de que uma expressão calma tranquilizasse a família enquanto esta a observava, preocupada, em sua casa.

Não vendo nada nos ramos daquela árvore para além de sombras e enganos, sentou-se numa raiz enorme que rompia o solo, num determinado local, formando um arco como as costas de um gato preparado para receber festas de um humano. No momento em que se sentou naquela raiz, sentiu um movimento entre os ramos, bem no interior da copa da árvore. Permaneceu quieta, apenas retirou um lenço do bolso para limpar a cara com uma precisão lenta. Soltou um suspiro audível e manteve-se à espera.

— Sê bem-vinda.

A voz era sedosa e suave, mas não deixava de ser surpreendente. Era simultaneamente bondosa e cautelosa. Era uma voz convidativa, porém penetrava-lhe os pensamentos. O tom era doce, mas a mensagem firme. Com uma só palavra, abria mundos. Era muito parecida com a voz do filho.

— Miguel...? — perguntou, hesitante, com a voz a tremer.

Seria possível que ele estivesse em dois lugares ao mesmo tempo? Que jogo estaria o filho a fazer com ela, com aquele sonho de reflexos? Preocupava-a a possibilidade de os antepassados não

o aprovarem, e precisaria deles antes de aquela viagem terminar. Sarita permaneceu onde estava, sem saber muito bem onde procurar quem lhe falara, visto que a voz parecia vir de todas as direções em simultâneo.

— Já se pôs confortável — afirmou a voz.

— Estou muito confortável, como qualquer um pode imaginar — respondeu a idosa, dobrando o lenço húmido. — Duvido que pudesse estar *menos* confortável, mas isso não interessa, pois não me demorarei aqui.

Pelo canto do olho, viu algo a deslizar suavemente por trás do tronco da árvore, a menos de dois metros do local onde se encontrava sentada.

— Ai não? — disse a voz, interessada. — Aonde vai?

— Disseram-me que *você* sabe melhor do que eu aonde vou.

Sarita sentiu-se algo inquieta por estar a perder o controlo daquele transe. Em desespero de causa, tinha penetrado no sonho febril do filho por pura força de vontade e sentia agora o perigo decorrente desse ato. Mas sabia que chegaria ao filho independentemente dos riscos que tivesse de correr; sabia que ele lhe responderia. Sabia muitas coisas, mas não o que tinha diante de si naquele momento.

— É verdade que sabe... Enfim, que sabe...? — hesitou, não sabendo como terminar a pergunta.

— Eu sei tudo — respondeu-lhe a voz, num tom agradável. — Sim, sei *tudo*.

Sarita sentiu-se invadir pelo sentimento de que aquele já não era o sonho do filho... nem o dela. Aquele era um sonho muito, muito antigo, há muito apagado da memória humana. Parecia um sonho ancestral, em que uma serpente se aproximava e sussurrava suavemente ao ouvido de alguém. Ainda via o planeta que lhe era familiar no céu, com a sua luminosidade brilhante e os fios delgados dos sonhos entrando e saindo do seu coração ardente. Em contraste, ali, onde ela se encontrava, havia pouca coisa que pulsasse com vida.

A árvore era um gigante diante dela, mas parecia não respirar. Aquele era um sonho mais apagado.

Sarita meteu o laço dobrado no bolso, determinada a dominar aquela visão. Levantar-se-ia e enfrentaria o que quer que fosse que tinha ido ali enfrentar. O corpo obedeceu-lhe, e ela pôs-se de pé num instante, com uma expressão carregada e o coração a bater mais forte do que nunca. E jamais poderia ter imaginado o que viu. Ali, diante de si, semiencoberta pela sombra majestosa daquela árvore, estava uma bela e jovem mulher, envergando um vestido simples.

— Ah! — exclamou Sarita, sem esconder o alívio que sentia. — Ainda bem que se mostra! Já que sabe tanto, talvez me saiba dizer como posso levar o meu filho de volta ao mundo dos vivos.

— Ele faleceu? — perguntou-lhe a mulher, parecendo simultaneamente surpresa e condoída.

— Não. Está ali, naquela árvore, a sonhar com a eternidade — respondeu, virando-se para apontar para o grandioso símbolo da vida que se via ao longe, no horizonte. — Não permitirei que ele morra até... até acabar o que tem a fazer.

Voltou-se para a pessoa que acabara de conhecer e verificou que a jovem saíra rápida e silenciosamente da sombra e olhava agora, fascinada, para outra árvore. O peito arfava-lhe de excitação, e o cabelo, de um ruivo intenso, esvoaçava atrás da cabeça, como que sacudido por uma rabanada de vento repentina. Aquela não era uma mulher qualquer, compreendeu Sarita, alarmada. Era uma criatura mágica, com um poder imenso. Parecia a mulher que ela própria tinha sido outrora, da qual já mal se lembrava — uma feiticeira com a vida nas palmas das mãos e a morte serenamente aos pés. A jovem já se tinha virado para ela, antes de Sarita perceber o que a mulher tinha estado a observar, e olhava-a diretamente nos olhos.

— Ainda não acabou? — perguntou a jovem, de repente. — Disse que o seu filho ainda não acabou o que tinha a fazer?

— Como...? — balbuciou Sarita, confusa. Como poderia aquela mulher ajudá-la a recuperar o filho? O que poderia ela saber dele?

— Não — respondeu, escondendo a sua confusão —, ainda não terminou o que tem a fazer. Não terminou a sua missão.

— E que missão é essa?

Tanto disparate! A ignorância daquela criatura deixou-a espantada, porém sentia uma satisfação crescente por ter recuperado a vantagem. Miguel tinha de continuar a viajar, a partilhar, a fundir-se com a própria Terra. Isto era evidente! Ele era um mensageiro, e estava destinado a fazer isto e muitas mais coisas. O sonho dele crescia, expandia-se e não podia terminar naquele momento.

— Ainda não acabou de cumprir a sua missão para com a Mãe de todos nós — afirmou.

— Minha mãe é que ela não é! — respondeu-lhe a jovem mulher, irritada.

— O meu filho ainda não acabou de partilhar a sua sabedoria, de dar generosamente...

— Dar a quem? A si?!

— Ao mundo! Ainda não terminou a missão de mensageiro que devia...

— O que a senhora quer dizer é que ele ainda não acabou de ser o filho dedicado que é para consigo.

— Ainda não acabou de ser... o que é!

A visão deslocou-se silenciosamente na direção da idosa, o bafo frio soprando-lhe na cara.

— Não será ele, neste momento, cem por cento do que é de facto?

— Pode ajudar-me ou não?! — disse Sarita, impaciente. — Hei de fazê-lo voltar para mim... para o mundo.

A criatura adorável inspirou rapidamente e inclinou-se para a idosa, observando-a intensamente.

— Precisa da minha ajuda? — limitou-se a perguntar.

— Quero ter os seus conhecimentos.

Nova inspiração. Desta feita, o som foi um sibilo à luz momentânea de um relâmpago rasgando o céu cada vez mais escuro. Aqueles

olhos adquiriram um brilho vermelho momentâneo, voltando depois ao azul mais suave enquanto a jovem ria, com o cabelo esvoaçando ao sabor da estranha ventania de sentimentos que só ela parecia despertar.

— E pensar que, ao olhar para si, qualquer um imaginaria uma carga de trabalhos! — exclamou, sussurrando de novo. — A senhora não representa qualquer problema. É uma *vieja* parecida comigo. É o meu retrato, a minha irmã, e é bem-vinda aqui. Se é conhecimento que deseja, mergulhá-la-ei nele!

— Chame-me Mãe Sarita, visto que sou mais velha. Como se chama?

— Também tenho muita idade, mais do que a Sara... Sara — pronunciou a criatura com cuidado, desfrutando da sonoridade do nome. Era um nome antigo, com raízes sagradas. — Sara — tornou a sussurrar, após uma pausa para analisar o rosto da idosa. — É um nome extraordinário e bem merecido. Em honra a esta ocasião, assumirei um nome que me assente bem.

Sarita esperou, revendo a lista de nomes que a humanidade tinha chamado àquela entidade ao longo dos milénios. Alguns eram sagrados, outros obscenos.

— Como hei de chamar-me...? — perguntou-se a belíssima mulher, em voz alta. — E em que língua deliciosa? Talvez na sua...? — A face dela começou por revelar uma expressão de preocupação, depois de divertimento e, por fim, de determinação. — Chame-me La Vida — disse, olhando para a árvore no horizonte.

Um sorriso iluminou-lhe imediatamente a expressão.

— Ah, claro... — anuiu a idosa — Vida...

Dir-se-ia que a criatura tinha ambições para além da sua condição.

— Ou... talvez não. Acho que prefiro que me chame La Luz.

La Luz...? Este nome também parecia disparatado, dada a muito pouca luz que ali havia. Mas Sarita assentiu na mesma.

— Com certeza.

— Não... — emendou novamente a mulher. — La Verdad. Chame-me La Verdad.

— Como queira — aceitou a idosa, abanando a cabeça enquanto foi buscar o saco.

— Espere! — exclamou a visão, rodando sobre si, com a bainha do vestido levantando cinzas no local. — o meu nome tem de ser grandioso, romântico! Chame-me La Diosa!

«Sim, claro...», pensou Sarita. «Já que estás nesse teu universo de orgulho e ilusão, porque é que não te chamas a ti própria Deus?» A idosa lembrou-se de que, certa vez, alguém lhe falara de um *nightclub* popular de Guadalajara com aquele mesmo nome, em que as mulheres se desonravam dançando num palco, seminuas. Aquela imagem divertiu-a.

— Está a deixar-me confusa — confessou Sarita, suspirando. — La isto, La aquilo, lalala. — Imaginou as mulheres nuas no clube de *striptease* e sentiu vontade de zombar daquela criatura arrogante. — Não quer chamar-se apenas Lala? Sempre é um nome com substância. — A ruiva virou-se e fitou-a intensamente. Sarita hesitou, receando tê-la ofendido. — Quero dizer, é um nome cheio de luz e vivacidade — emendou.

— Sou La Diosa — afirmou a mulher, perentória, forçando um sorriso logo de seguida. — Mas como somos irmãs nesta causa, acho que não me importo de lhe permitir chamar-me... alguma coisa com vivacidade.

— Ótimo! Nesse caso, por onde começamos, Lala? Devo preparar-me?

— Deixe-se ficar como está, minha querida — incitou a visão. — Deixemos que a memória — essa princesa da verdade — nos abra o caminho!

— Mas a memória...

— Eu sei tudo — atalhou Lala. — Não se esqueça disso. Se duvidar de mim, não conseguiremos nada — apenas luz, movimento e... rebentos frágeis numa árvore sem nome.

Sarita tentou recordar com exatidão o que Miguel lhe tinha dito sobre a memória, mas não conseguiu. Antes de ter tido tempo de pensar no que haveria de errado com rebentos numa árvore, a sua companheira já se tinha aproximado dela num movimento rápido e silencioso e tornara a fitá-la intensamente nos olhos.

— É a ressurreição de um sonho — afirmou a jovem, solene.

— É o retorno do meu filho — retificou Sarita.

— É uma grande sorte... — murmurou a mulher. — A solução está ao alcance dos meus conhecimentos — disse, mantendo o olhar perscrutador. — Foi inteligente da sua parte ter-me vindo procurar.

— Bem, na verdade... — começou Sarita, mas Lala ainda falava, com os olhos cravados nela.

— Tenha cuidado, não me falte ao respeito...

— Muito bem...

— Não olvide as minhas capacidades únicas, a minha maneira de ser ou as minhas leis. Oiça o que lhe digo!

Ouve mas não acredites, recordou Sarita.

— Ouça e obedeça — acrescentou Lala.

Sarita estava decidida a permanecer naquele lugar remoto, apesar da companhia. Tinha de permanecer ali até o filho poder ser lançado de volta ao mundo.

— Com certeza — respondeu, recatada. — Como podemos começar?

A expressão da criatura iluminou-se com a pergunta.

— Ah, sim, como — disse a jovem, sorrindo. — Como, o quê e porquê. Sem estas coisas, nada progride.

Afastou-se da idosa, aparentemente pensativa. Sarita aguardou, observando-a.

— Começaremos pela primeira memória — anunciou Lala, de repente — e avançaremos a partir dela — disse, olhando para a idosa de relance. — Trouxe um saco de compras consigo — observou. — Provavelmente já estava a prever isto.

Sarita olhou para o saco estupefacta. Iria ele conter memórias? Será que aquilo era mais uma das misteriosas instruções daquela mulher? Apeteceu-lhe rir, mas manteve-se em silêncio.

— Quando conseguimos reunir as memórias suficientes, temos um sonho — um filme sonoro sobre tudo o que é verdade sobre um determinado homem. Guiá-la-ei pelas recordações mais memoráveis, por cada pedacinho de conhecimento e, com o tempo, acabaremos por reunir todas as peças necessárias para montarmos o puzzle chamado... Miguel.

A voz de Lala prolongou a última sílaba do nome dele como o arco de um violino deslizando sobre as cordas de modo a que o som se vá desvanecendo lenta e melodicamente até se tornar silêncio. *Miguel...* esta palavra parecia invocar-lhe imagens de algo familiar, algo que lhe provocava uma profunda saudade. O ar em redor de ambas movia-se lentamente, trazendo consigo uma sugestão de afeto e um som ténue.

— Temos muito pouco tempo, minha senhora — observou Sarita enfaticamente, quebrando o feitiço daquele momento.

— O tempo é uma criação minha — respondeu-lhe Lala. — Teremos o tempo que eu quiser.

Dizendo isto, pegou na mão da idosa e ajudou-a gentilmente a aproximar-se de novo da raiz gigante.

Ainda de mãos dadas com Lala, Sarita julgou ouvir o tamborilar longínquo da chuva, mas o céu mantinha-se inalterado. As nuvens ainda se iam engrossando e juntando em grandes quantidades, e os relâmpagos continuavam a rasgar o céu, ao longe, fazendo-lhe estremecer todo o corpo, mas não se seguiu nenhum trovão. Sentiu a jovem a apertar-lhe a mão. Lala manteve-se imóvel acima da idosa, com o olhar fixo algures ao longe.

Sarita viu que ela olhava na direção da Árvore da Vida e que tinha uma expressão curiosa. Era um misto de fúria terrível com nostalgia profunda. Era, decididamente, um misto de ambos os sentimentos, embora Sarita soubesse que tais sentimentos não

podiam coexistir no mundo natural. A idosa olhou para o local onde tinha visto o filho pela última vez e perguntou-se se não deveria ter respeitado o desejo dele e tê-lo deixado em paz. Era algo que raramente tinha feito ao longo da vida, mas naquele momento...

Lala largou-lhe a mão de repente. Quando Sarita olhou para ela, surpreendida, a escuridão abateu-se sobre ambas, atenuada apenas por uma luz suave. Era a luz de uma vela.

Sarita já não se encontrava sentada sob a copa de uma árvore, no meio de uma vasta paisagem árida. Agora, estava sentada numa cadeira de madeira vulgar, colocada no canto de uma sala pequena, e observava um homem e uma mulher a fazerem amor à luz de uma só vela, colocada num frasco de compota de fruta.

*No ano em que completou 50 anos, Don Miguel Ruiz
sofreu um ataque cardíaco que o deixou
em coma durante nove semanas.*

*Este livro corresponde à sua viagem interior
enquanto estava suspenso entre a vida e a morte.*

*Um relato profundo e místico
acerca da descoberta dos segredos da vida.*

Don Miguel Ruiz nasceu no seio dos toltecas, um povo profundamente espiritual do interior mexicano. O mais novo de 13 filhos, recebeu a formação da mãe, curandeira, e do avô, um xamã «nagual», nome que significa «a força que move a matéria».

Apesar de se ter formado em Medicina, um acidente de viação quase fatal fez Don Miguel Ruiz perceber que a cura dos seres humanos passa pela alma. Dedicou-se então a estudar os ensinamentos dos seus antepassados, tornando-se também ele xamã. Criou uma autêntica legião de seguidores, tendo-se mudado para os Estados Unidos, onde escreveu livros de grande sucesso.

Em 2002, uma experiência mística de quase morte deu origem a este incrível testemunho, em que desfilam as personagens que marcam a sua vida: a mãe Sarita, o pai José Luis, irmãos, filhos, mas também Lala, a própria sabedoria. Esta é uma obra que mostra como podemos despertar para a impressionante verdade da nossa essência.

*«Outro clássico que trará felicidade
e iluminação ao mundo.»*

Deepak Chopra

**nascente**
o curso da sua vida

20|20 editora

ISBN 978-989-8843-12-8



9 789898 843128

Memória Inspiracional